

## REPRESENTAÇÕES DO AMOR<sup>1</sup>

Maria Leonor Santa Bárbara

“Senta a tua filha, rei, na rocha mais elevada de um monte, preparada para um casamento fúnebre. Não esperes um genro nascido de sangue mortal, mas um monstro cruel, feroz e viperino que, voando com asas pelo ar, atormenta e fere cada um a ferro e fogo, que o próprio Júpiter receia, por quem as divindades são assustadas e os rios e as trevas do Estige ficam aterrados.”

(Apuleio, *Metamorfoses*, IV. 33. 1-2)

Nestas páginas pretende-se apresentar em tradução um breve conjunto de epigramas, maioritariamente extraídos da *Antologia Grega*, relacionado com a figura de Eros e o modo como este deus era representado no período helenístico. Esta antologia reúne duas outras – a *Antologia Palatina* (baseada fundamentalmente num manuscrito da segunda metade do século X, o *Palatinus* 23) e a *Antologia de Planudes* (baseada num texto de Máximo Planudes, que viveu entre c. 1260 e 1310). A *Antologia Palatina* inclui cerca de 3700 epigramas, repartidos por quinze livros, organizados sem qualquer preocupação cronológica, muito embora o período englobado seja vastíssimo (de cerca de 450 a. C. até à época de Juliano). A maioria dos epigramas estão agrupados tematicamente, só sendo atribuído a um autor um dos livros<sup>2</sup>. A maioria dos seus textos são do período helenístico ou posteriores e dois dos seus livros são dedicados a epigramas amorosos. Esta divisão é meramente temática, dado que os epigramas do Livro V concernem o amor heterossexual, enquanto os do Livro XII dizem respeito ao amor homossexual. Figura constante em ambos os livros é o deus do amor, responsável máximo pelo sofrimento dos homens devido aos desgostos do amor não correspondido. Aliás, o texto em epígrafe não foi escolhido por acaso, já que nos parece

---

<sup>1</sup> Alguns destes textos incluem-se na dissertação de mestrado da autora e foram também apresentados por ela numa conferência apresentada em Outubro de 2004 na Universidade do Algarve, intitulada “Grandeza e pequenez: as representações de Eros na literatura e na arte”.

<sup>2</sup> Como informação complementar apresenta-se em seguida a organização dos livros que constituem a *Antologia Palatina*: Livro I – epigramas cristãos; Livro II – descrição das estátuas de Zeuxipo; Livro III – inscrições de Cízico; Livro IV – proémios das *Antologias* de Meléagro, Filipe e Agatias; Livro V – epigramas amorosos; Livro VI – epigramas votivos; Livro VII – epigramas fúnebres; Livro VIII – epigramas de Gregório Nanzianzo; Livro IX – epigramas descritivos; Livro X – epigramas exortativos; Livro XI – epigramas báquicos e satíricos; Livro XII – epigramas amorosos; Livro XIII – peças em metros diversos; Livro XIV – problemas, enigmas e oráculos; Livro XV – epigramas variados.

apresentar um retrato correcto e preciso da noção que a partir de determinado momento os Antigos começaram a associar ao deus do amor.

Apesar de ser o deus do amor e, por isso mesmo, usualmente associado à figura do romano Cupido – criança alada e rebelde, armada de arco e flechas –, Eros foi objecto das mais diversas representações. Surge primeiro em Hesíodo como força geradora da natureza, para logo aparecer nos poetas antigos, nos trágicos ou noutras representações artísticas, como um jovem, acompanhante de Afrodite. Embora raro nos nossos dias, foi como jovem que Veloso Salgado o representou no seu quadro relativo a Eros e Psique.

Foi precisamente no período helenístico que a representação de Eros sofreu a sua maior alteração, começando o deus a ser referido como a criança alada que nos é familiar. Ao apresentarmos estas traduções, procurámos fazê-lo começando pelo retrato do deus e passando depois para os epigramas que no-lo apresentam a realizar toda uma série de tarefas, desde as tropelias contra os homens, até às suas atitudes mais solidárias e de ajuda.

## 1. Descrições de Eros

### a) *Antologia Palatina*, IX. 440 (Mosco de Siracusa)<sup>3</sup>:

“A pele não é branca, mas como o fogo; os olhos penetrantes e de fogo; mau coração, doce conversa, porque não pensa como fala. A voz é de mel, mas de fel o seu pensamento, quando se irrita. É um vigarista que não diz a verdade, uma criança enganadora que brinca de forma cruel. Na cabeça tem belas madeixas, mas na face tem atrevimento. As mãozitas são pequeninas, mas ferem ao longe; ferem até ao Aqueronte e ao reino de Hades. Tem o corpo nu, mas o espírito está bem escondido. Com asas, como um pássaro, voa para uns e para outros, homens ou mulheres, e repousa nos corações. Tem um arco muito pequeno e sobre ele um dardo; este, embora pequeno, chega até ao céu. Tem uma aljava de ouro nas costas, onde estão as flechas ponteagudas com que muitas vezes me fere. Tudo é selvagem, tudo, mas o que é pior é uma pequena chama com que inflama o próprio sol. Se o apanhares, prende-o para mo trazeres; se o vires chorar, cuidado!, para que não te engane, se rir, então amarra-o; e se quiser abraçar-te, foge: o seu beijo é perigoso, os seus lábios, veneno. Se disser ‘toma, ofereço-te

---

<sup>3</sup> Sempre que se conhece o nome do poeta, ele é colocado a seguir à indicação do epigrama, entre parêntesis.

todas as minhas armas’, não toques as ofertas enganadoras: as armas foram temperadas no fogo.”

b) *Antologia de Planudes*, 210 (Platão, o Jovem):

“Ao penetrarmos num bosque sombrio, encontrámos lá dentro o filho de Citereia, semelhante às maçãs purpúreas. Não tinha a aljava cheia de setas, nem o arco curvado, mas estavam suspensos das árvores frondosas. Ele, entre botões de rosas, prostrado pelo sono, dormia sorrindo. Por cima, as flavas abelhas passeavam nos seus doces lábios, enquanto trabalhavam o mel.”

c) *Antologia Palatina*, IX. 784:

“Não te indignes com as coisas pequenas: a graça acompanha-as; também o jovem Eros, filho da deusa de Pafos, era pequeno.”

d) *Antologia Palatina*, V. 178 (Meléagro de Gádaros):

“Venda-se, ainda que esteja a dormir no colo da mãe; venda-se. Porquê alimentar este insolente? Nasceu travesso e alado; faz feridas profundas com as unhas; muitas vezes, no meio do choro, ri. Além de uma constante impassibilidade, é conversador, de olhar penetrante, selvagem, nem mesmo para a mãe é afável: é em tudo um monstro. Por isso será vendido: se algum comerciante, viajando pelo mar, quiser comprar a criança, que avance. E agora, vede, implora, chorando. Ainda não te vendo, não tenhas medo: fica aqui a viver com Zenófila.”

e) *Antologia Palatina*, XII. 47:

“Eros, criança, brincando, de manhãzinha, no regaço da mãe com astrágalos, jogava aos dados a minha vida.”

## 2. Eros prisioneiro

### a) *Antologia de Planudes*, 195 (Sátiro):

“Quem reteve assim o deus alado? Quem reteve com cadeias o fogo rápido? Quem tocou a aljava ardente e amarrou as mãos apertadas, de tiro rápido, prendendo-as a uma sólida coluna? Isto é um vão consolo para os homens; este mesmo prisioneiro não prendera já a sua alma?”

### b) *Antologia de Planudes*, 198 (Mécio):

“Chora as tuas mãos amarradas, sem poder escapar, deus terrível; chora muito; deixa cair lágrimas espalhando-as, insulto da sagesa, ladrão de corações, violador da razão, fogo alado, ferida não vista da alma, Eros. Para os mortais as tuas cadeias são o descanso do sofrimento, terror; preso com elas lança as tuas preces aos ventos surdos. Vê a chama que ateavas nos corações dos mortais, agora extinta pelas tuas lágrimas.”

### c) *Antologia de Planudes*, 199 (Crinágoras):

“Chora e geme apertando os músculos das mãos, traidor; mereces isto. Não há quem te venha libertar; não olhes implorando piedade. Tu mesmo desfizeste em lágrimas os olhos dos outros, espetaste no coração setas amargas e destilaste o veneno dos desejos inevitáveis, Eros. As dores dos mortais são para ti risíveis; és afectado por aquilo que fazes. É justo.”

## 3. Eros ladrão

### a) Mosco, XIX:

“Certa vez, estando Eros, armado em ladrão, a roubar cera dos cortiços, uma abelha furiosa picou-lhe a ponta do dedo, arranhando-o. Porque estava aflito, soprou a mão, feriu a terra com golpes, saltou e, mostrando a Afrodite a sua dor, queixou-se-lhe de que a abelha era um animal pequeno mas que fazia feridas

pungentes. Então a mãe riu-se: ‘O quê? Não és tu igual às abelhas? Pequeno como és provocas feridas lancinantes.’.”

b) *Antologia Palatina*, IX. 616:

“Um dia, quando as Cárites se banhavam aqui, o pequeno Eros roubou as suas vestes divinas e fugiu; deixou-as nuas, envergonhadas de aparecerem fora da porta.”

c) *Antologia Palatina*, V. 309 (Diófanes de Mirina):

“Na verdade, Eros deveria ser chamado triplo ladrão: não dorme, é atrevido e rouba.”

#### 4. Eros e o trabalho

a) *Antologia Palatina*, VII. 703 (Mirino):

“Tírsis, o aldeão, que guarda os rebanhos das Ninfas, Tírsis que toca uma flauta igual à de Pã, aquele que bebe vinho em pleno dia, dorme à sombra de um pinheiro. Eros em pessoa guarda o rebanho, agarrando o cajado. Ah! Ninfas, Ninfas! Acordai o pastor que não receia os lobos, para que Eros não se torne presa das feras.”

b) *Antologia de Planudes*, 200 (Mosco):

“Eros, de cabelos encaracolados, pousando s tocha e o arco, tomou o bastão de boieiro e pôs o alforge ao ombro; e, atrelando sob o jugo o pescoço infatigável dos touros, semeou o sulco fértil em trigo de Deo<sup>4</sup>. Olhando para cima, disse a Zeus: ‘Sacia os campos, para que eu não te coloque no arado, touro de Europa.’.”

---

<sup>4</sup> Uma das designações da deusa Deméter.

c) *Antologia de Planudes*, 202:

“Não digas, estrangeiro, que sou o deus do Líbano, aquele que se satisfaz com as conversas nocturnas dos jovens amantes de festas. Sou um modesto camponês, nascido de uma ninfa das vizinhanças, dedicando-se apenas aos trabalhos dos jardins. Assim, deste fértil jardim amado quatro coroas, das quatro Estações, me coroaram.”

## 5. Eros e a natureza

a) *Antologia Palatina*, IX. 666:

“Eros também não é grande, mas gracioso; assim, também eu não sou grande entre os jardins, mas estou cheio de encantos.”

b) *Antologia Palatina*, IX. 221 (Marco Argentário):

“Vejo, na pedra talhada, o inevitável Eros, conduzindo pelas mãos um vigoroso leão: com uma dá-lhe chicotadas na nuca, com a outra segura as rédeas; um grande encanto nasce à volta. Tremo com aquele que é funesto aos mortais: de facto, quem subjuga um animal selvagem não será complacente com uns quantos seres efémeros.”

c) *Antologia de Planudes*, 207 (Páladas):

“Eros está desarmado: por isso ri e está doce; não tem nem o arco, nem as flechas ardentes; nem é em vão que tem nas mãos um golfinho e uma flor: com um governa a terra, com o outro o mar.”

## 6. Eros e o amor

### a) *Antologia Palatina*, XII. 54 (Meléagro de Gádaros):

“Cípris recusou-se a criar Eros, vendo um outro Hímero, Antíoco, entre os jovens. Mas, jovens, amai o novo Amor; de facto, disse-se que o jovem era um Eros melhor do que Eros.”

### b) *Antologia Palatina*, XII. 77:

“Se tivesses asas de ouro e, nos ombros prateados, uma aljava cheia de flechas, querido Aglau, também tu estarias junto de Eros. Por Hermes! Nem a própria Cípris conheceria aquele que deu à luz.”

### c) *Antologia Palatina*, XII. 105:

“Eu, o pequeno Eros, ainda fácil de apanhar, afastando-me, voando, da minha mãe, não voo da casa de Dâmis, lá no alto; mas aí, amando e sendo amado sem ciúme, junto-me prontamente, não a muitos, mas só a um.”

### d) *Antologia Palatina*, V. 243 (Macedónio):

“Sonhava, uma noite, que estreitava nos meus braços esta jovem tão amiga de rir. Em tudo se deixava seduzir por mim, e não se inquietava que lhe tocasse o corpo com inúmeras carícias. Mas Eros é um ciumento: armando ciladas durante a noite, extinguiu o meu amor, afastando o sono. Assim, nem mesmo nos meus sonhos nocturno Eros é liberal comigo nos desejos de casamento.”

### e) *Antologia Palatina*, IX. 108:

“Zeus disse a Eros: ‘Tirar-te-ei todas as tuas setas.’. E o deus alado: ‘Troa, e serás novamente cisne.’.”

f) *Antologia Palatina*, V. 68 (Lucílio, ou Pólemon, rei do Ponto):

“Suprime o dom de amar, Eros, ou concede o de ser amado, para que destruas o desejo, ou o tornes mútuo.”

g) *Antologia Palatina*, V. 180 (Meléagro de Gádaros):

“Que há de estranho se Eros, o terror dos mortais, lança flechas de fogo e ri de forma amarga com olhos brilhantes? Não é a mãe amante de Ares e mulher de Hefesto, sendo comum ao fogo e à espada? E a avó materna não é o mar, rugindo com violência sob as fustigadelas do vento? O pai não é este, nem aquele... Por isso, tem a chama de Hefesto, quando se irrita é semelhante às ondas e tem as armas ensanguentadas de Ares.”

h) *Antologia Palatina*, V. 293 (Paulo Silenciário):

“Eros, guerreiro valoroso, não conhece a lei, nem há nenhuma outra ocupação que afaste um homem de um amor louco. Se um trabalho de carácter jurídico te prende, então o impetuoso amor não reside no teu peito. Onde está o amor, quando um pequeno braço de mar soube afastar o teu corpo da tua jovem amada? Leandro, a nado, mostrou quão grande era o poder do amor, não se preocupando com as ondas nocturnas. Mas tu, amigo, tens navios que te servem. Tu, porém, frequentas mais Atena, afastando Cípris. Palas tem as leis, a deusa de Pafos, o desejo. Diz-me, que homem serve ao mesmo tempo Palas e a deusa de Pafos?”

Nota final:

Esta selecção de epigramas não é de todo exaustiva, o que aliás é perceptível pela referência aos Livros da *Antologia Grega* que abarcam a temática do amor. Serve, contudo, para mostrar como numa época tão vasta (temporal e espacialmente) como o foi período helenístico, as referências a Eros não se limitavam a um único aspecto, mas revestiam-se de grande diversidade: Eros é o deus, mas pode também ser a designação poética para o jovem erómeno; Eros é um deus poderoso e temível, o que é demonstrado de várias formas; mas Eros é também o deus-criança que dorme entre

as rosas. Concomitantemente, esta selecção de epigramas ilustra um outro aspecto próprio da literatura desta época – o gosto por tudo aquilo que é rebuscado, pelas referências a figuras ou episódios mitológicos menos conhecidos.

Nota bibliográfica:

*Anthologia Græca* (verbesserte Auflage. Griechisch-Deutsh ed. Beckby, Hermann), München, Tusculum-Bücherei, Ernst Heimeran.

*Anthologie Grecque* (texte établi et traduit par Waltz, Pierre), Paris, Les Belles Lettres, 1931-1974.

Apuleio, *Les Métamorphoses* (texte établi par Robertson, D. S., et traduit par Vallette, Paul), Paris, Les Belles Lettres, 1956.

Teócrito, *Bucoliques Grecques* (texte établi et traduit par Legrand, Ph.-E.), Paris, Les Belles Lettres, 1960.

Teócrito, *Theocritus* (edited with a translation and commentary by Gow, A. S. F.), Cambridge University Press, 1973.